

QUINTA-FEIRA
Lisboa--14 de Março--1929

OSTOES

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

sempre **147**

fixe semanário humorístico



Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

O anjo da Caridade do Largo do Rato



Sobre a cabeça misericordiosa de Machado Pinto, director da Assistencia Publica, desabam diariamente torrentes de pedidos e apelos da miseria nacional. Uma verdadeira «insistencia publica»!
O «Sempre Fixe», se o peso dos anos e a leveza dos bolsos e tornarem um dia pouco «fixe», acolher-se-ha tambem ás azas protectoras deste «pinto», que só por falta de «milho» não é galo na distribuição de socorros a todos os necessitados.



Os ditos da semana



"Noute inesquecível" Mão amiga, mão de senhora que pela letra de talhe inglês se denuncia, embora dizendo se «um leitor», enviou-nos o recorte dum jornal da provincia, impresso em Gouveia, com a descrição de «Uma noute inesquecível» que o sr. J. D. passou em Rio Torto, num baile oferecido pela sr.ª D. B. P. no seu bem ornamentado palacete. Recortemos alguns periodos:

«— Eram nove horas da noite, já ali se achavam reunidas as familias convidadas. Depois da troca de cumprimentos, foi a mesma Sr.ª que, com toda a amabilidade e gentileza, convidou os cavalheiros e gentis donzelas a... folia. Para isso, sentada ao piano, executou com todo o... uma valsa que logo os cavalheiros e donzelas interpretaram cadenciosamente, iniciando-se assim a abertura do baile.

Notou-se, porém, uma falta: o numero de cavalheiros menos que o das donzelas. Lembrou então a rainha da festa jogos de roda, o que todos apoiaram, predominando sempre o «Ladrãozinho», no que tomaram parte velhos e novos, pois para tal reunião não fez a mesma Sr.ª a selecção de convites. Mas, oh Providencia! Um automovel, buzinando á porta, vindo de Viseu, apresentanos, inesperadamente, sete academicos, sete! O delirio da parte das donzelinhas chegou ao auge quando elles, depois de revista a sua «toilette», deram entrada na grande sala, acobertando sob as suas capas negras todo o vigor da sua mocidade.

Era meia noite: foi-nos servido com toda a amabilidade um calix de Porto, com bolinhos, a que ninguém se recusou. Depois disto e reanimados por tão delicioso nectar, somos novamente incitados pelas tais donzelinhas que com toda a galhardia animavam a festa, desafiando todos á... folia, continuando sempre no maior entusiasmo até ás duas horas.

Eu, fazendo um relato, muito em resumo, do passado nesta noite, não quero com isto enaltecer os dotes e qualidades que tão nobremente caracterisam a Ex.ª Sr.ª D. B. P., mas simplesmente em meu nome e de minha familia render-lhe as minhas maiores homenagens de reconhecimento e gratidão.»

Que lindo!
Fica por esta via prevenida a sr.ª D. B. P. de que o sr. J. D., que naturalmente assinou assim para se fazer passar pelo sr. Julio Dantas, não deve tornar a frequentar-lhe os salões. O sr. J. D. não sabe fazer um comedido uso das reticencias, nem moderar os seus entusiasmos perante as valsas, os bolinhos e a... folia. O sr. J. D. compromete a reputação das pessoas que entram no jogo do «Ladrãozinho». O sr. J. D. não sabe compôr a «toilette» da sua prosa como os estudantes de

Fados, comboa assistencia só no Solar d'Alegria.

Viseu compuseram, antes de darem entrada na sala, as suas capas negras, que ele sabia acobertarem «todo o vigor da sua mocidade».

A maliciosa senhora que tão bem soube descobrir o veneno e nos enviou o recorte, os nossos agradecimentos.

V. e Sá Vasconcelos e Sá faz a sua centessima milionessima festa, na proxima terça-feira, 19, no teatro da Trindade.

Que não falte ninguem, porque o Vasconcelos e Sá tem o velho officio de ir aos teatros vêr quem lá está. E agora com mais razão.

Nem só de pau... A rapaziada do pauzinho festejou, na semana passada, o seu inventor — o general Baden-Powell, que veio por ai abaixo de visita aos seus produtos, ou aos seus filhos adoptivos, se quiserem. Perna ao léo, cacete nas unhas, acamparam por ai, em vários sitios, os pequenos escoteiros, com seus chapéus de abas largas, como convém ao ardentissimo clima dos pampas do Rossio. Não trouxeram, desta vez, as barracas de campanha, aquelas barracas que se armam com três paus, como as desordens das feiras, mas trouxeram, nos labios, um simpatico sorriso para o escoteiro mestre, para aquele que os inventou, num dia de aborrecimento, depois de regressar da guerra do Transvaal. Houve festa rijsa, vibrou-se de entusiasmo, como se vibra sempre que se vê, pela primeira vez, aquele que nos deu o ser e o pau, porque o pau é tudo para os escoteiros, e, muito princi-

palmente, para o seu inventor, que conseguiu desmentir uma velha máxima, transformando-a, para seu uso, exactamente na inversa:

— Só do pau vive o homem.

A gaiola do elevador A Camara mandou demolir a gaiola do elevador da Gloria, mas a Companhia, que é uma Companhia construtora das fortunas dos seus directores, não sabe demolir. Agora, dada a desobediencia da Companhia, só ha um de dois recursos: transferir aquilo para o cemiterio dos Prazeres, afim de servir de mausoleu á direcção da Companhia, ou tirar dali o Palacio Foz os hotéis e todos os prédios visinhos.

Talvez haja quem entenda que é melhor esperar por outro incendio, mais violento do que o do Foz, para que o abórto desapareça conjuntamente com os predios incendiados, mas isso pode demorar muito.

Bem sabemos que a Companhia tem a opinião de que aquilo se fez para evitar a agua e não se admira, portanto, de que em caso de incendio a agua não possa chegar ao local do sinistro, mas então era talvez conveniente que a Camara fixasse residencia aos directores da Companhia, naquelas imediações.

As bisnagas O governo declarou guerra ao esguicho, proibindo as bisnagas de cloreto de etilo. O decreto saiu agora, mas a ideia de defender os olhos do publico já era mais antiga.

Já nas vespéras do Carnaval passado, se tinha feito a proibição, mas o comercio co-

meçou a reclamar contra o prejuizo que o ameaçava, porque tinha os armazens cheios e não encontrava maneira de fazer esguichar o estoque pela porta fora, desde que não fôsse permitido esguichar o proximo.

Porque a reclamação fôsse justa, concedeu-se tolerancia por este ano, assim como quem diz:

— Ceguem lá quem quiserem, mas depressa, que para o ano já o não podem fazer.

E foi um fartote. Foi uma pandega pegada. Ficou gente cega e até pneumonias se apanharam. Houve bisnagadela que atingiu até o figado de algumas pacientes matronas que foram ao teatro acompanhar a prole feminina.

E, agora, acabou-se. Quem quiser cegar o seu semelhante tem que o fazer com um ferro em brasa ou com a ponteira dum guarda-chuva.

O Carnaval do ano que vem ainda ha de ser mais divertido do que foi o Carnaval passado — um Carnaval civilisado, em que só aos cães será consentida a bisnagadela.

Economia O jornal «Novidades», noticiando a catástrofe da Madeira, intitulava assim a sua noticia:

Grave desastre nos Açores

Já não é a primeira, nem, infelizmente, a centesima vez que a asneira aparece nos jornais, mas nós sempre estivemos convencidos de que só rapazinhas falidos no curso dos liceus, segundo a teoria de Fialho de Almeida, escreviam deslizes daquele quilate. Verificamos, agora, que o caso é mais grave e contagiosa a doença. Pegaram-na os liceus aos seminários. Ou conseguiu as «Novidades», com a ajuda do céu, transferir a Madeira para os Açores, juntando as dioceses para fazer economia dum bispo?

Se assim foi, só lamentamos não ter assistido aos trabalhos de remoção da formosissima ilha através do Atlantico, a reboque dum formidavel navio comandado por um redactor das «Novidades», que, empunhando um sextante e uma carta de marear, bem podia clamar, do alto da torre de comando:

— Deus fez o Mundo, mas a arrumação das terras fê-la as «Novidades».

Fica tudo em casa.



— Porque se suicidou o Procopio?
— A mulher andava-lhe sempre a dizer, «Oh filho vae-te matar!...»



TEATRO

«RETROZ PRETO...»

Chaby Pinheiro

— O' Maria, fecha as portas que veem af os comicos!

E entravam na aldeia os artistas, vindos duma longa jornada, por entre nuvens de poeira.

Assim é hoje, mal comparado, quando se anuncia, vagamente, a constituição duma nova empresa ou companhia teatral.

Basta suspeitar-se que é fulano que está encarregado de a organizar, para lhe choverem, em casa, as cartas de recomendação, os empenhos e os pedidos. Depois, vem a frase do costume:

— Vieste tarde. O elenco já está formado.

E o fulano tem que fazer, como antigamente — fechar as portas, porque os comicos querem todos entrar...

Ainda ha dias me dizia um grande actor:

— Andam sem trabalho artistas que davam uma boa companhia. Talvez essa companhia que está desempregada seja a que tem melhor conjunto...

E é certo... Algumas das grandes figuras estão em casa.

Motivos da crise? Ha tantas...

Falta de boas peças e o mesmo genero de teatro explorado por muito tempo...

O publico, cansado de ouvir sempre o mesmo e dito pelos mesmos actores, deixou de frequentar os teatros... e foi para o cinema.

Com os conjuntos fracos e as peças mornas, o que havia a esperar?

Casamento entre artistas, era companhia organizada!

Os poucos ensaiadores que havia, morreram e os que ha não são ouvidos...

Todos os que entram para o teatro julgam-se logo primeiras figuras e não aceitam senão primeiros papeis.

A falta de empresarios que saibam do seu officio.

Escolha de repertorio, em relação ao elenco.

Assiduidade aos trabalhos scenicos.

E principalmente... capital para poder satisfazer, no fim do mês, os encargos. Nada ha de pior — no teatro — que a falta de autoridade para se conseguir disciplina, e a autoridade desaparece quando se não cumpre o contrato, ou seja, quando não ha dinheiro para pagar.

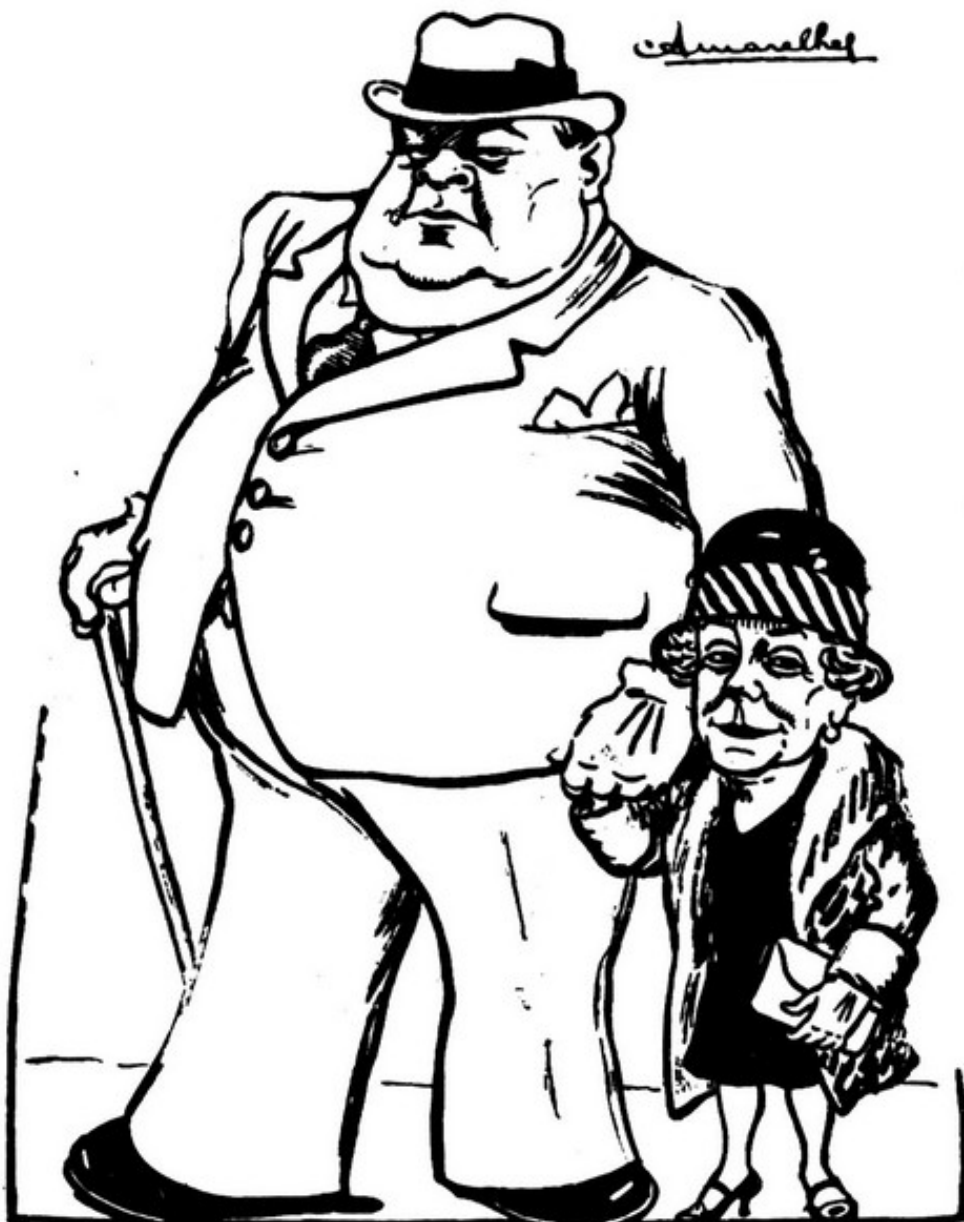
A crise tem, como quasi todas as coisas, uma razão. As que mencionámos — e ha muitas mais — são suficientes para se chegar a um fim: a crise não é devido aos artistas, mas sim aos empresarios e áqueles a quem ultimamente tem estado entregue o teatro...

■■■

A. de A., crítico de teatro de nome e que se dedica actualmente, de corpo e alma, ao cinema, escreveu na última pagina teatral de *O Seculo* uma local, intitulada *Pobre teatro!*

Depois de acentuar que a época que atravessamos é de instabilidade e de dizer que correm os mais desconhecidos boatos sobre organizações e desorganizações teatraes, escreve:

«Pois se uma companhia bem organizada e tendo dado provas brilhantes, pelo menos sob o ponto de vista lucrativo, ameaça quebrar-se pela sua espinha dorsal, exactamente porque a confusão assentou arraias adentro dela. Na vida interna, o palco do teatro onde funciona essa companhia transformou-se em parlamento, com direitas e esquerdas. As ideias partidas dos camarins do lado direito são combatidas «à outrance» pelos da esquerda e vice-versa... Não ha raciocínio que tente uma discussão... Uma peça apresentada pela esquerda não convem á direita, e o contrario como «reva-che»...



Um grande actor e um actor grande, tão grande que a maior parte do ano não cabe em Portugal.

E, afinal, quem, na verdade, escolhe as peças e até as distribue são os técnicos das «massas» alimenticias.

Pobre teatro!

A proposito deste final — da farinha — contaram-nos o seguinte:

Ha dias, um autor dramático levou a um desses empresarios-capitalistas uma peça. Disse que era optima para a companhia, fez a distribuição e contou o enredo. O citado empresario perguntou:

— E' alemã?

— Não, é francesa!

— Então não quero.

O autor dramático, ao sair do escritorio, encontrou, no palco, um colega e atirou-lhe com esta frase:

— Antigamente, neste edificio, funcionava um teatro... Agora, meu velho, não passa duma padaria alemã...

Responde-lhe o outro:

— E já tem uma sucursal na rua da Palma!

■■■

TRES... e ainda nada!

E' o terceiro titulo: «Pó de Maio». Talvez se pudesse arranjar outro, embora um pouco comprido, que seria: «Tres autores á procura dum titulo ou tres revisteiros contra um empresario».

«Pó de Maio» entrou em ensaios. O elenco foi anunciado. Dele fazem parte as artistas M. S. e I. I., que desertaram das fileiras do E. B.

«Pó de Maio» deve, portanto, aparecer á luz da ribalta em principios de Abril... E' a verdadeira «Babilonia»! Verdade seja que anda tudo esquecido do que são as regras do mundo... Parece que comem muito «Queijo saloio»...

«Pó de Maio» em Abril não lembra ao diabol!

A não ser que a revista mude de titulo todos os meses e comece pelo de «Pó de Abril»...

Estamos em crêr que esta famigerada revista ainda acaba em «pó, terra, cinza e nada»...

■■■

ESTAVA para rebentar uma companhia de revistas. Devia-se — é claro — a alguns artistas. Ao contrario do que sucede quasi sempre, o primeiro actor era o mais prejudicado... Deviam-lhe alguns milhares de escudos.

Uma tarde, foi ao teatro vêr se apanhava «algum». Olhando para o cartaz, reparou que antes do seu nome estava escrito: «Impagavel actor» e murmurou:

— Impagavel é uma grande verdade!

Dirige-se ao empresario e diz-lhe: — Que você me não pague, não está certo, mas enfim isso é comnosco. Agora que você diga ao publico que eu sou impagavel é que é demais. O publico não tem nada com isso!

■■■

O C. L. atirou pela «barra fóra» cem mil escudos! Leia-se esta noticia:

«O contrato proposto ao actor C. L. pelo empresario A. de M., em nome da Empresa Serrador, do Rio de Janeiro, atingia, por quatro meses, incluindo a sua recita, a soma de cerca de cem mil escudos. C. L. declinou o convito, devido a estar contratado para o T. V.»

Cem contos! Que grande gesto! Ainda dizem que ha crise e que não ha dinheiro... no Brasil!

■■■

O CARTAZ do T. A. anuncia desta maneira a nova peça:

3

contra

1

E' um cartaz original.

O Amar..., que esta época tem andado pouco feliz — não pode ser sempre — vai daqui a um mês para o Brasil. A «Água-Pé», que lhe fez entrar em casa muito dinheiro, não foi ainda substituida. O «Pé de Salsa» não conseguiu levar lá o publico, apesar de ter pé no titulo...

Veremos se o «Tres contra um» lhe faz pé de meia...

■■■

O *Jornal de Noticias*, do Porto, publicou uma gazetilha, no dia seguinte á ceia de homenagem, naquela cidade, ao grande actor A. da C., donde transcrevemos a primeira e a última quadras:

UMA CEIA... AMARGA!

Sem malicia, odio ou asco,

Aqui deixo isto expresso

Com a rudeza duma basco:

— A peça foi um successo,

E a ceia... foi um tiasco!

Perante a coisa tão feia

Mer'ciam bem, p'ra ter mêdo,

Pagar bem caro a tal ceia:

— O tasqueiro... com degredo

E a «comissão»... com cadecia!...

Como veem, merecem arquivo.

Falta dizer que o repasto se realizou no Palacio de Cristal... e que o preço foi, como diz o titulo da gazetilha... amargo!

■■■

UMA noite destas, saía um artista dramático do T. da T. Coxeava. Como alguém lhe perguntasse o que lhe tinha acontecido, respondeu:

— Apanhei um «Topaze» num joelho e vou aqui atrapalhado... Mas quem apanhou o «Topaze» maior, foi o J. L., que comprou a peça por 7.700 francos!

O Homem das 5 horas

FUMÉ SUNRIPE

Aprimorados Fados só no Solar d'Alegria.

BOM HUMOR

O novo empregado: — Somet dez vezes o livro caixa...

O chefe: — Muito bem, rapaz! Estou contente.

O novo empregado: — Quer que lhe traga os dez resultados?...

* * *

Dissertação filosofica:

— Quando não estou bem, vou aos medicos, e assim ajudo-os a viver! Compro os remedios na farmacia, ajudando os farmaceuticos a viver! Mas, quando chego a casa, deito fóra as drogas...

— Isso é que eu não compreendo!
— Porque tambem eu tenho que viver!...

* * *

Entre amigos:

— Minha mulher é admiravel de dedicacão. Até me tira as botas...

— Quando chegas da rua?

— Não, quando quero sair...

* * *

Alugam-se quartos:

— Tem algum quarto livre?

— Conforme...

— Como conforme?

— Se o senhor é madrugador, posso-lhe ceder o quarto dum padeiro, que só vem para casa depois das seis horas da manhã.

* * *

Na estação:

O passageiro: — A que horas parte o comboio das sete e quarenta e cinco?

O chefe da «gare»: — A's oito menos um quarto!...

O passageiro: — Que transtorno que me faz esta mudanca de horarios!

* * *

— A honradez acima de tudo! Ontem, um amigo que me devia 300 escudos enganou-se e deu-me 400.

— Está claro que tu...

— Guardei o dinheiro para algum dia que me venha tambem a enganar honradamente...

* * *

Joana e Luzia:

— Tenho pena de si, minha amiga. Nove filhos devem-lhe ter dado muitos dissabores e muitas despesas.

— Sim, mas graças a eles tenho uma criada silenciosa.

— Como arranjou isso?

— E' que não ha nenhuma que se atreva a brigar com nove creanças...

* * *

Entre marido e mulher, ao aparelho da radiotelegrafia:

— Queres que «procure» Londres?

— Não! Ha lá muita gripe! Se Deus não nos deu ainda enfermidades, por que as vamos buscar?

Pelo Chiado



Uma balança a dois fiéis...

Sortes grandes
só o **PINA** as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

Boa assistencia só no
Solar d'Alegria.

SINAL DOS TEMPOS...

«A Empresa de Limas União Tomé Feteira, de Vieira de Leiria, imolou alguns fumentos das necessidades do seu pessoal e dos pobres daquela região e ofereceu, tambem, um jantar onde foi servido o mesmo alimento. Ao que consta, quem mais burro comeu foi o autor das Primeiras rimas.» (1)

(Dos jornais).

Sabeis, leitor, que ali para a Vieira — Uma terra que ao Liz deve beleza — Houve ha pouco uma forte pagodeira, Tão invulgar que até causa estranheza. Pois é verdade. E eu vou contar-vos já, Que um caso assim é bom saber-se cá.

Uns sujeitos que são muito aguerridos Convidaram a malta do trabalho E disseram, com modos divertidos, O da lima, o da rima e o do malho: «— Gentes, sabe! o ano correu bem! Resolvemos por isso festejar Nosso triunfo que vesso é tambem, Dando-vos no Domingo um bom jantar. E vai ser uma festa de chupeta!... Na nossa terra ha burros como burro E, como o que dizemos não é treta, Vai um ser morto á faca ou mesmo a

Vamos ter, vêde bem, burro grelhado, Que é sup'rior á carne de faisão, Canja de burro e depois burro assado. E então se aquilo é bom; nada que não!...» E trouxeram o burro. Uma alimária Gentil e graciosa, o olhar meigo,

Que maldizia aquela sorte varia Que lhe calhava a ele, o pobre leigo. E por vêr a attitude dos algozes, Tão tragica, infernal, lhes diz sereno: «— Pois então, meus irmãos, então sois

Que me privais do meu amado feno? Olhai que no meu cerebro anda imerso O genio que deu fama aos imortais! E eu dar-vos-hia isso tudo em verso Que Dante nem Canções teem iguais.» E os magarefes riram a bom rir. «— Rides-vos?... Mas porquê?... O que julgais?!...

Aqui anda meu estro a refulgir! Não serei tão poeta como os mais?!...» E apontava para alguém, o bom gericó. «— Ah! meu vilão, disse-lhe um dos tiranos, A quem te igualas tu, ó mafarrico? Um soneto fiz eu tinha dez anos!» «— Dez anos! Ah!!! Eu tenho apenas três!»

«— Canalha, miseravel, tu abusas. Mas vais sair-te mal por esta vez.» E o facalhão que assassinara as musas Brandiu, gritando: «Eu vou tirar-te a vida!»

E o asno só lhe disse: «Fratricida!» O resto da função não vou contar. Sabei-o já: — foi burro p'ra o jantar.

Antonio Victorino

(1) O autor das Primeiras rimas é um dos gerentes da referida Empresa.

TERRA SANTA



— Olha lá, o ministro das Finanças é de Santa Comba Dão?
— Não. E' de Santa Comba Tira...

Riso amarelo

Antonio Palomero, um illustre jornalista e comediografo espanhol já falecido, não se distinguia precisamente pela sua simpatia para com as creanças.

Ensaivava-se no teatro da «Comedia» uma peça sua e a primeira actriz costumava ir acompanhada dum seu sobrinho, menino fertil em tropelias e berraria. A Antonio Palomero, as «gracinhas» do menino não lhe causavam mesmo graça nenhuma porque lhe interrompiam os ensaios.

Uma tarde, agarrou o creação por um braço e, com o pretexto de o acariciar, tratou de lhe ir dando com uma luva na cabeça, dizendo sempre: «Que engraçadinho! Que engraçadinho!»

O meudo, a cada «luvada», chorava desafortadamente, tanto que a tia actriz entendeu dizer-lhe: «Mas tu és tolo! O sr. Palomero faz-te festas e tu choras?!»

O pior foi que ao creação lhe appareceu um «galo» na caixa encefalica, porque Palomero se tinha «esquecido», dentro da luva, dum anel de aço que, com sinete e tudo, pesava boas cem gramas...

* * *

O engenhoso autor de «La Gran Via», Felipe Perez y Gonzalez, servilhamo autentico, entrou um dia num estanco de tabacos onde se costumava fornecer de charutos.

— «Sáqueme Usted unos cigarros para que elija los que me gusten, padre de mi alma!»

— «Con mucho gusto!» — disse o estaqueiro, apresentando-lhe uma caixa.

Escolhidos os charutos por Felipe Perez, e ao pagá-los, perguntou o estaqueiro:

— «Diga Usted, Don Felipe, por qué me ha llamado Usted antes padre de mi alma?»

— «Hombre, porque Usted, tan amable que me saca los cigarros para elegir, es mi padre, y yo, «el-hijo.»



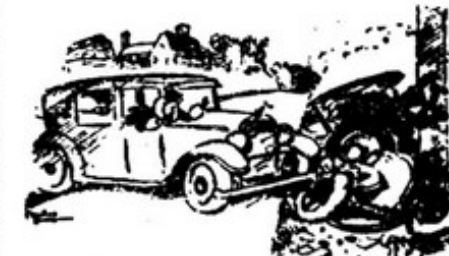
— A senhora saiu? Mas ela sabia que nós vinhamos cá hoje!

— Ah, então era por isso que a senhora me disse que se estava esquecendo de alguma coisa...



A voz de cima: — Não dás com as chaves? Eu já te deito outra.

— Não, é melhor que me deites o buraco da fechadura que é o que eu não encontro.



— Por Deus, cavalheiro, não diga nada a meu marido, senão tenho um desgosto enorme.



Elevador da Gloria Uma scena conjugal

Desde que o *Fixe* viu a luz da aurora, eu utilizo diaria e inabalavelmente o elevador da Gloria. Sou do tempo antigo, daquele saudoso tempo que a calçada não tinha nenhum obstaculo impeditivo da saída ou da entrada do transeunte. Quem cá em cima, com o assentimento tacito do policia, que virava as costas, vertesse aguas, já sabia que elas iam ter á... Foz. Depois, um dia, o sr. Baptista Coelho lembrou-se de edificar uma bizzarra em cimento para nos resguardar da chuva, mesmo que fôsse inverno. Quando ela caia, como o apeadeiro, em vez de paredes, tem colunas, os futuros passageiros encharcam-se como se andassem á pesca do caranguejo. Está tudo a andar para traz. No *gutchet*, onde se vendem os bilhetes, formam-se bichas. Não ha trocos. O empregado fica pior de que um bicho. O guarda-freio só admite 30 pessoas e, se entra mais uma, ou é sopeira que não é peste ou policia que é amigo.

Uma noite, o menino de pedra que ornamenta a cornija do palacio Foz, com um facho incendiado na mão, resolveu deitar fogo ao teatro. Na altura do sinistro, os bombeiros, para não destruir o apeadeiro da Carris, viram-se em sérias dificuldades. Os jornais reclamaram. A Camara Municipal ouviu-os, ordenando ao Sindicato Santo Amaro-Baptista Coelho que demolisse o mamarracho. Até hoje! Passou-se uma semana, veio segunda, ha de vir terceira, senão vamos já na quarta, e nada. O mamarracho, o apeadeiro, a casinha das necessidades, o *restaurant* ao ar livre e o mais que lhe quizerem chamar — tudo é pouco — lá está de cimento e ferro, que é um amor.

Até quando? Srs. vereadores! Mãos á obra! Sejam agora tão energicos como o foram com os quiosques. Dão uma noticia aos jornais e um alegrão aos alfacinhas.

Quem manda na cidade, com licença da Camara, somos nós. Levem-nos para Londres o dinheirinho, mas deixem-nos as ruas. Se o Sindicato de Santo Amaro insiste, val um abaixo assinado aos vereadores para que coloquem em cima do apeadeiro o frontão da Camara Municipal. Assim como está: em pélo, e a mais, o facto diuréctico...

Um homem perde uma fortuna e fica sem mulher

Ha dias, chegou a Oviedo um casal, natural de Cangas del Narcia, vindo da America, onde esteve cerca de quatro anos. Durante esse tempo, com muitos sacrificios, trabalho e privações, conseguiram os conjuges amealhar 5.400 pesetas, que destinavam á reconstrução duma casa em ruinas que possuiam na sua terra natal. E, assim, resolveram uma tarde abandonar a casa de hospedes onde se encontravam, em Oviedo, e tomar o *auto-onibus* que os devia conduzir ao seu destino. Mas, o pobre homem, ao chegar á porta da rua, não havia forma de o arrancar dali. Mostrava-se apreensivo e vacilante em seguir com sua mulher.

— Vamos. Não te demores, senão perdemos o *auto-onibus*, homem! — exclamava a mulher.

— Ouve-me, mulher... Eu queria dizer-te duas palavrinhas...

— Que maçador! Não tiveste já tempo de m'as dizeres? Agora não ouço nada! Só agora é que te lembras disso! Não temos tempo a perder!

— Ouve-me, mulher... Ouve-me, mulher...

— Mas porque choras, homem? Porque ha de ser agora!... Vá, vamos depressa...

— Não posso... E'... que... eu... muito... custa dizer a... ver... da... de...

— Deixa-te de disparates. Não atormentes a minha alma, rico marido!

O marido, cada vez mais acabrunhado, não se resolvia a fazer a terrível revelação:

— Minha querida mulhersinha...

Não julgues que eu tenha culpa... Quando viajavamos no comboio, entre Cadiz e Madrid... ia tanta malta...

— O que dizes? Fala! Com todos os demonios! — gritou a mulher, suspirando do que se passava.

— Não sei se foi quando passel de carruagem, ou quando me apeei para comprar o pão com manteiga. Roubaram-me a carteira com os bilhetes e o dinheiro...

— Que dizes?!

— E' o que acabas de ouvir, mulhersinha do meu coração! Como vês, não foi por gosto que me deixei roubar...

Mal o pobre homem acabou de pronunciar estas palavras, a mulher, furiosa como uma vibora, atirou-se a ele, agredindo-o a socos. Varias pessoas que passavam na ocasião apartaram os dois contendores, evitando que a mulher o matasse á pancada. A mulher, redobrando de furia, começou por vaiar de insultos o seu querido marido. Juntou-se gente, a circulação de transito de automoveis esteve interrompida por algum tempo e interveiu a policia, que pôs termo ao escandalo, conseguindo meter á força o casal desavindo num automovel. Era tal a gritaria dentro do auto que o *chauffeur* teve de ir constantemente a buzinar para abafar um pouco os gritos da endiabrada mulher.

Quando chegaram á velha casa em ruinas, a mulher não permitiu que o homem ali entrasse, deixando-o á porta, ao frio e á chuva, como um cão leproso.



Como as crianças

Na praça Duque de Saldanha, meteu-se num carro do Luniar, com grande dificuldade, porque a lotação completa, um passageiro, que teve de ficar em pé na plataforma. Mais adiante, como tivesse vagado um lugar sentado, ao lado duma senhora nova, muito elegante, ele dirigiu-se apressado, entre os protestos dos passageiros mais antigos, que se sentiam prejudicados, e sentou-se.

Observando bem a senhora, viu que ela valia bem o tempo gasto num passeio mais longo e imediatamente começou a empregar todos os *trucs* possiveis para meter conversa, mas nada conseguiu.

A senhora, sempre com um grand-ar de indiferença, reparava em tudo menos no que lhe dizia este D. Juan armado á pressa. Ele passou então aos meios extremos e maquiavelicos da conquista amorosa, principiando por chegar-se delicadamente um pouco para ela. E, como a senhora continuasse no mesmo ar de distracção, nada dizendo, ele raciocinava que «quem cala, consente», e continuava tambem a chegar-se cada vez mais e mais...

Até que, a uma certa altura, quando já ia mesmo muito encostado a ela, tão encostado que parecia ir ao colo, a senhora voltou-se para ele e, no ar mais calmo deste mundo, perguntou-lhe:

— O senhor comprou bilhete?

O conquistador embuchou, quasi perdeu a linha e, gago, respondeu:

— Comprei, sim, minha senhora!

— Ah, julgava que não — concluiu a senhora — porque pensei que queria que eu o levasse ao colo...

DR. ARLINDO CORREIA LEITE



De Leite e de Santos nasceu uma vaca leiteira que, com bastante leiteira, dá libras em vez de leite.



— Ela: — Meu amorsinho.
— Ele: — Que queres?
— Ela: — Não sejas idiota! Já sabes ha muito que não é para ti...



O problema do transito quando se generalizarem os escapes...



Uma noite alegre só no Solar d'Alegria.

As capas do "Sempre Fixe"



Só a capa 10\$00.
Capa e encadernação 15\$00.

Coleção completa de um ano, devidamente encadernada, 50\$00.

Podem, pois, ser requisitados os dois primeiros anos.

Para a provincia acresce o porte do correio.



Embora ainda longe das *talkies*, apesar do *Jazz Seringer*, com que se inauguraram entre nós os espectáculos de *gramocinema*, as fitas, em Lisboa, cada vez se tornam mais faladas.

O Tivoli deu a sua *Ultima ordem*. Antes da visita da D. Anastacia, aquilo era, segundo dizem, a ultima palavra da interpretação cinedramatica, com o Jannings a dizer que não com a cabeça e a fazer-se parvo, só para inlejar os bolchavaquistas... Mesmo assim, apartaram-no á escovinha que foi um regalo. Mais valia guardar a tesoura para cortar o pêlo a meia duzia de cinefilos susceptíveis, a quem só doi quando lhes toca pela porta! Depois, esteve com uma *Vaidade* que até pareciam duas. Imaginem: A D. Leatrice ia ao *Centro Recreativo do Soldado* (sic) e ao molhe B. (a sopa), com um marujo que lhe fazia perder a prôa, avançando de vento em pópa e ameaçando-a o mastro grande. A Leatrice fica a vê navios, atravessa o Bimbo com uma saraivada de balas e vai aplicar os ensinamentos colhidos nos «Conselhos a uma mulher» com o maroto de Charles Ray, que estava tal e qual uma sopeira mascarada de aviador. Por ultimo, embandeirou em arco com a *Aurora*, mas saiu-lhe o gado mosqueiro — sem chamar nomes ao publico.

O *Central*, depois do *Grande Esforço*, deu uma *Ufa*, caligarou-se e sujou *As Mais Lindas Pernas de Berlin*. Depois vieram os *Espões...* á unha, que os cinefilos agarraram sem caramunha.

Se *Espões* tivesse sido realizado pelo sr. Rino Lupo, intitular-se hia: *Os Misterios da Rua Saraiva de Carvalho*. Klein-Rogge seria «O Homem dos Olhos Tortos»; Willy Fritsch seria o «Gil Goes»; Louis Ralph, o «Gafanhoto»; Gerda Maurus, a «Micas do Passa-Pê»; Paul Hörbiger, o «Manel Chofer»; Lupu Pick «O China das Bugangas»; Creighall Sherry, o «Bufo da Secreta»; Fritz Rasp, o «Major Freitas». Mas como, felizmente, foi feito por Fritz Lang, o Roggezinho é o «Haghi», o «719» e o «Nemo»; o Fritsche Cosido e Assado é o «326 amanhã é que anda a roda»; o Luis Rafael é o «Morrier»; a Gerda é a «Sousa Barrikanova», ou «Sonia Barranikowa» ou lá o que é; o Paulo Umbigo é o «Franz» do Coliseu; o Lupu Pica o dr. Matsumoto-Hutchinson; a Sherry-Brand o «Polizei-hef»; e o Fritz Raspa-te o coronel «ellusic»... *transit gloria mundi*.

Se o espaço nos não tiranisasse, gostaríamos de desemmaranhar para o leitor fixe aquela intrincada meada — tal como aquele senhor critico que, depois de declarar que não tinha percebido nada, porque aquilo era uma confusão de todos os diabos, contou o argumento tim tim por tim tim, com uma clareza que faria inveja á propria Thea von Harbou.

Apenas diremos que o filme é muito bom — tal como o *Sempre a andar* de Harry Langdon é optimo, optimo, optimo, apesar de se intitular em inglês *Tramp, Tramp, Tramp*.

O São Luis, depois de nos ter pregada aquela grande partida do Homem a fingir que não tinha braços, em que afinal a Joan Crawford (dos novos) só se despia a noventa por cento; depois do *Céo da Calçada da Gloria*, com a laracha do avião á solta e as bichas de rabiari; depois dum certo rapaz (ter entusiasmado) as turbas femininas *Be cause the bigade*, — *verdunizou-se*, muito antes da agua da Companhia. Aquilo não é uma fita; é um manual de estrategia, que veio muito a proposito na altura das incorporações. A scena que mais nos comoveu foi a da dupla morte dos soldados, em que o alemão pede *mama* e o francês, tão irritado como moribundo, lhe responde: — vai ao Gamal...

E o Ordeon, depois de ter levado muitas semanas o *Ben-Hur*, a fingir que estava sempre cheio, leva uma fita do Jackie Coogan. Ainda não vi. Mas como o Jackie já está um grandjão, aquilo não deve prestar. No entanto, se for bom, *jackie* não está quem falou...

Retardador

Uma lição

— Que cheiro horrivel! — exclamou, ao entrar em casa, o meu velho conhecido Anibal Aguiar, que se dá com a sua cara metade o que se chama relativamente mal.

— Mas, meu filho, eu não tenho a culpa. Tu comprehendes... — retorquiu madame Luiza Aguiar.

— Qual não tem culpa!... Isto é demais...

E a discussão começou. Durante um quarto de hora bem puxado, a senhora Aguiar e o senhor seu esposo atiraram um ao outro com as gentilissimas frases: — estúpido, malcreada, ordinario e estafermo, frases que resoaram pela casa como um simbolo da união conjugal de quasi todos os senhores Aguiars das cinco partes do mundo.

Serenada a discussão, compadre Aguiar, voltando as costas á cara metade, foi sentar-se num velho sofá. Puxou dum jornal e leu este pedaço duma noticia grande:

«Anibal de Sousa mostrou-se sempre duma affectividade extrema para com a sua esposa, que tambem parecia amá-lo muito.

Mas, de ha uns tempos para cá, todos os dias, á mesma hora, a visinhança notava que os dois esposos discutiam acaloradamente. E, ontem, a esposa do sr. Sousa, saindo de casa zangada, afirmou que ia suicidar-se.

Mas, ou porque se arrependesse ou porque lhe faltasse qualquer coisa para morrer socegada, meia hora depois voltou a casa.

E então verificou que seu marido, que acreditara que ela se iria matar, se tinha enforcado.

O cadaver recolheu ao necroterio. A leitura deste *fall-divers* deixou o nosso Aguiar pensativo. E logo ele murmurou, estregando as mãos:

— E porque não! Não é nada mau... Sim, senhor... Vai ser uma linda lição, senhora Luiza Aguiar...

Ora, o nosso Anibal Aguiar tinha herdado duma sua parenta, que fora uma modista de fama, um simpatico manequim que, para ser gente, só lhe faltava falar.

E ontem, quando sua mulher saiu, com o pretexto de ir á modista, Anibal Aguiar vestiu o manequim com um fraque que em tempos comprara na feira da Ladra e tinha reservado para funerais, inclusivé o seu.

Depois... passou uma corda pelo pescoço do manequim e conduziu-o para a sala, pendurando-o no tecto. Fechou a porta e, assim que descobriu que a esposa subia a escada, meteu-se no quarto ao lado, de onde, pela porta semi-aberta, podia ver tudo o que a senhora Aguiar ia fazer.

— Agora, sim — murmurava ele. — Agora é que eu te vou pregar uma lição... que has de ficar minha amiga para sempre... Nunca mais me insultarás! Ora vamos a ver...

Nisto, entra a senhora Aguiar. Vê com admiração a porta da sala fechada. Chama pelo marido. Ele não responde. Bate á porta. Torna a bater. Nada.

Então, sobressaltada e como que presentindo qualquer desgraça, espreita pelo buraco da fechadura.

— Ai! ai! Anibal! Anibal! — exclamou, vendo o corpo pendurado.

— Ah! Ela gosta de mim — dizia lá do quarto o nosso Aguiar que, com certo espanto, viu a esposa sair á pressa e descer a escada.

Momentos passados, Luiza Aguiar entrava outra vez em casa. E o nosso homem, que se havia metido outra vez no tal quarto posto de observação, percebeu que a esposa não vinha só. Deitou para fóra um rabo de olho e viu que a acompanhava o seu velho amigo Soares, a quem a senhora Aguiar, convidando para espreitar pelo buraco da fechadura, disse:

— Vê, meu filho... Vê... Olha as pernas como estão. Que coisa... Que desgraça...

— Qual desgraça — disse o Soares, tomando-a nos braços. — Se tu o tivesses amado. Mas não. Disseste-me centos de vezes que não gostavas dele... Já vê... Agora é que nos vamos ser felizes, muito felizes, sem ter este camelo a prejudicar o nosso amor...



Berceuse

(Com o estilo da celebre romanza «Aurora teve um menino», em andamento de marcha funebre).

Aurora teve um menino bem pequenino no Tivoli.

Não chores, Aurora, não chores que o pai do menino é o Salm Levy!

Gemia a pobre da Aurora, A' ultima hora faltou o parteiro. Todos se foram embora... menos o senhor Monteiro.

A coisa foi tão falada que veio á 'stacada o Retardador. E talvez fôsse por isso que inchou o toutiço de certo senhor...

O Costa da bilheteira serviu de parteira, salvando o pimpolho. (Provou-se desta maneira que o Raul Lino tem olho).

O maestro Nicolino compôs um hino todo larocas. Mas, fôsse pelo que fôsse, Milano enganou-se: tocou o Pipocas...

Aurora! Dá-lhe o teu peito com aquele geito que é proprio das mães, p'ra o menino ser perfeito, perfeito... de Magalhães!

Pathé-Talegre



— Passas todo o tempo a lêr, homem. Quem me dera ser livro!
— Folhinha, folhinha é que devias ser para te mudar no fim do ano...

Cear alegremente só no Solar d'Alegria.

FUME SUNRIPE

Quereis dinheiro?

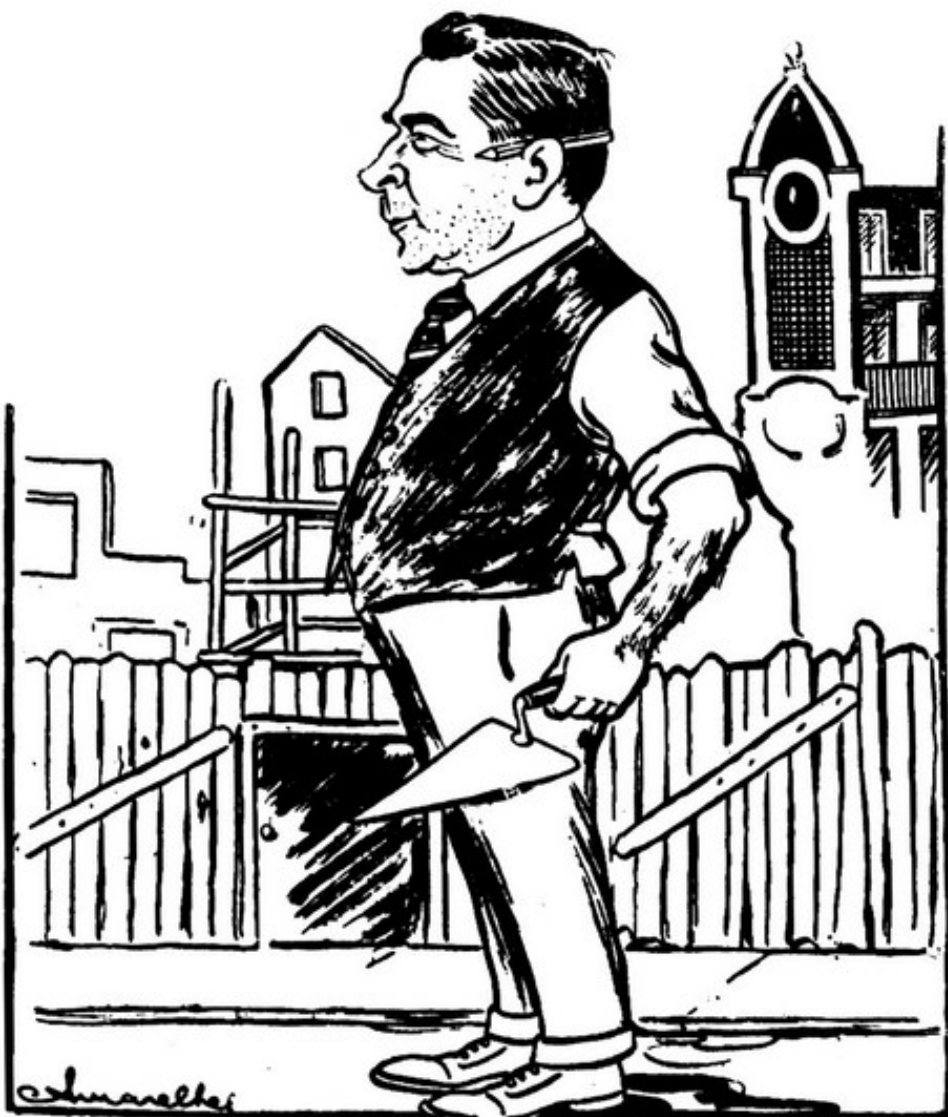
Joga! no

Gama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes!

Manuel da Cruz



O mais extraordinario constructor de quiosques aereos e tuneis submarinos



O que se diz e o que se não deve dizer

"Foot-ball" aos tropeções

O campeonato em férias

Nos penúltimos desafios realizados para o campeonato de foot-ball de Lisboa, o Belenenses tropeçara, em proveito do Benfica. No domingo passado, tropeçou o Benfica em proveito do Belenenses.

E assim vai o campeonato: — aos tropeções...

Quando os *leaders* não tropeçam uns com os outros — são os *out-siders* que os obrigam a tropeçar.

De resto, o proprio campeonato caminha aos tropeções.

Taça Associação — tropeço.

Sul contra Norte — tropeço.

Portugal-Espanha. Lisboa-Sevilha.

Lisboa-Paris — tropeços...

Para o ano, recomendamos um purgante, antes da confecção do calendario.

O acontecimento maior da semana é o VII Portugal-Espanha.

Todos os jornais publicam diariamente notícias sobre o assunto. Mas as notícias dizem também sempre respeito á organização dum comboio especial.

De modo que nem a gente sabe já ao certo o que ha de mais notavel no domingo que vem: — se o desafio, se o comboio especial...

Em Sevilha reina de facto um grande entusiasmo pelo jogo. Mas entusiasmo, de verdade...

Desta vez não é, como das outras, um entusiasmo postico, meio generoso, meio oficial.

O ultimo resultado — dois a dois — e a nossa figurazinha em Amsterdam dão um pouco que pensar a *nuestros hermanos*. E a verdade é que o nosso onze alinhará talvez de maneira a permitir-nos uma exhibição muito diferente da do III Portugal-Espanha, também realizado na capital andaluz.

E o virtuose Vitor Silva ficará talvez até muito justamente retido na Exposição, para figurar no *Palacio de Artes e Industrias*.

Já porque o encontro se realiza de novo em Sevilha e já porque a História é uma grande mestra — relembremos a conveniencia de não ressus-

Boa cozinha! só no Solar d'Alegria.

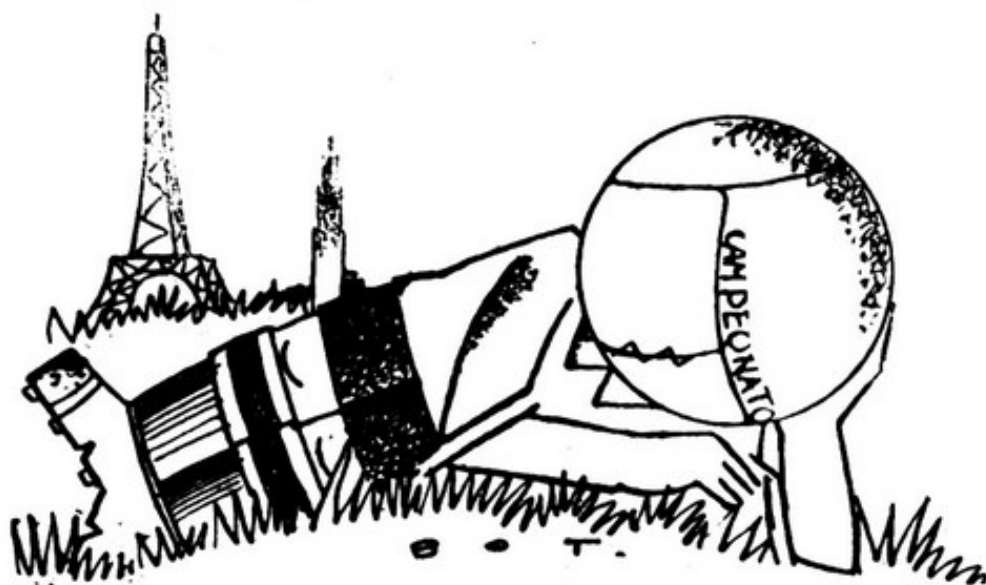
SUNRIPE

400.000\$00

Estão á venda na feliz casa de

José Pedro

173-R. ARCO BANDEIRA-173



— São férias para um mez. Que pena não serem para sempre.

Foot-ball ou cinema?

Pietro Pastore, um az do pontapé que em Italia já fez coisas bonitas, e é bonito também, não se sentindo bem quer ir até á região fantastica das fitas. Hollywood! Hollywood! Inconfundivel paraíso, até hoje inacessivel, a quem não tem valor. Mas calculai, carissimo leitor, se os homens de desporto se lembrassem de imitar qualquer menina histerica, e todos embarcassem para a America! Vejam lá se é tolice: Ia a calhar á justa ao Tamanqueiro o ser o sucessor do Ricardito. Já saltou do Algarve p'ra Lisboa e versa-vice; e correria até o mundo inteiro saltaria até p'ra o infinito se a posta que lhe dessem fosse boa. O Ruy da Cunha, é claro, era o Fatty, pois nunca vi tamanha semelhança na estatua, no corpo, na piada, na gordura. E o Placido — que ideia tão exquisita! (A's vezes tenho ideias estuporadas!) Faz-me lembrar o Lon Chaney na fita D'o homem que levava bofetadas. Muito embora a piada não me ajude; amigos, um conselho vou dar já: — Que não vos contrateis para Hollywood, pois por cá, custe embora muitissimo a dizer, ha fitas para dar e p'ra vender...

ZÉ MARIA.

citar o tristemente celebre *Comité das Pescetas*.

Em 1923, essa brincadeira das pescetas custou-nos um tanto cara: — três a zero...

A corrida de automoveis em Sintra foi adiada para melhores dias — para os dias em que a estrada tiver *releves*.

Entretanto, a Comissão Sportiva do Automovel Club, que está atacada pelo terrivel virus *contade de trabalhar*, vai organizar o Quilometro de Arranque no Campo Grande.

Quer dizer: — enquanto a Estefania não arranja *toilette* apropriada, o A. C. P. vai-se entretendo com a Lisboa...

E o quilometro de arranques é realmente bem *desarrincado*...

Diz-se que Carpentier abandona o palco para se dedicar á industria. Os jornais não nos dizem porém de que será a industria.

Carpentier começou por ser mineiro de carvão. De mineiro passou a *boxeur* e foi esta a sua melhor *mina*. Como *boxeur* se tornou campeão. E, como campeão passou, naturalmente, a ex-campeão. Daqui evolucionou para o cinema. Do cinema para o palco. Do palco volta agora para a industria.

No dia em que regressar a mineiro de carvão, restar-lhe ha a consolação do aforismo: — *O bom filho da casa torna*...

Rebola-A-Bola.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Serviço de saúde

Concurso para enfermeiros de 3.ª classe

Perante o Serviço de Saúde desta Companhia está aberto concurso por 30 dias, a contar da data do presente anúncio, para o preenchimento das vagas que se derem, durante um ano, no quadro de enfermeiros de 3.ª classe, para desempenhar o seu serviço em qualquer dos postos da rede explorada pela Companhia, ou em outro local que lhe seja determinado.

Os candidatos deverão apresentar documentos autenticos de aprovação no curso completo de enfermagem, passado por qualquer escola do país, ou estrangeira equivalente, e quaisquer outros comprovativos das suas habilitações, certidão de idade em que provem ter menos de 30 anos e certificado de registo criminal.

Depois de julgados aptos pela Junta Medica, serão sujeitos a uma prova pratica e teorica, na sede do Serviço de Saúde, para a sua classificação em merito absoluto e relativo.

A nomeação, a que corresponde o vencimento de Esc. 270\$00, casa de residencia ou respectivo abono (até 60\$00) e subvenção temporaria de Esc. 376\$00, mensalmente, será tornada definitiva, findos 6 meses de serviço efectivo com boas informações; passados dois anos de bom serviço começarão a vencer as respectivas diuturnidades. As promoções fazem-se por antiguidade, ou por merito.

Todos os outros esclarecimentos que os candidatos desejem obter serão prestados na sede do Serviço de Saúde, em Santa Apolonia, todos os dias uteis, das 10 ás 13 e das 14,30 ás 17,30 horas.

Lisboa, 6 de Março de 1929. — O Director Geral da Companhia, (A) *Ferreira de Mesquita*.

Admissão de pessoal

Torneiros mecanicos

Admitem-se nas oficinas desta Companhia. Para tratar dirigir-se á Repartição de Expediente da Divisão do Material e Tracção em Santa Apolonia.

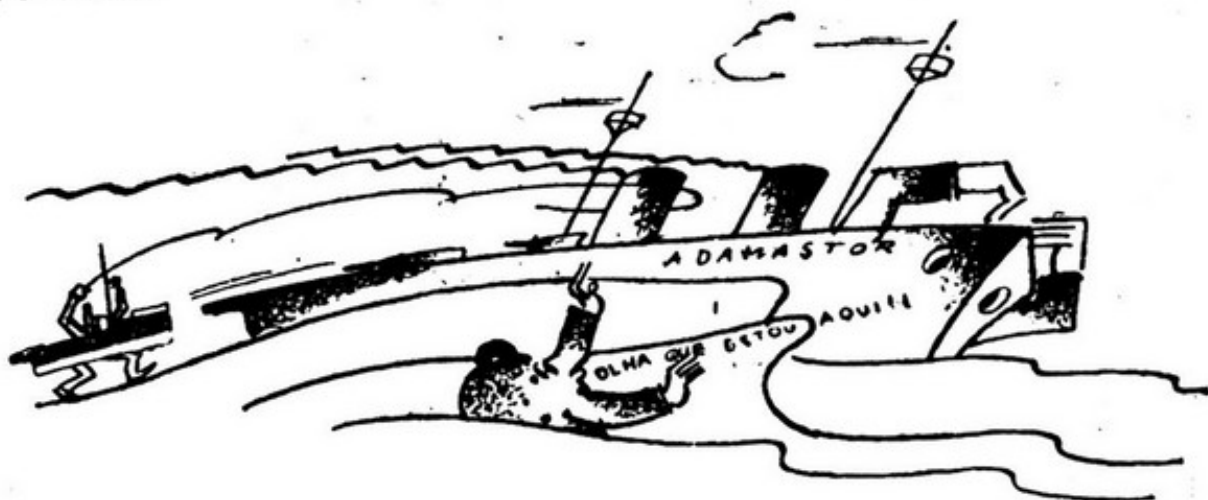
Lisboa, 25 de Fevereiro de 1929. Pelo Director Geral da Companhia: L. Henriques.

ECOS DA SEMANA

UM NOVO MODELO DE CANDIEIROS COM UM INTERES-
SANTE DISPOSITIVO PARA UM PAPAGAIO QUE ELUCIDARA
O TRANSEUNTE DO NOME DA RUA, EM SUBSTITUIÇÃO
DOS LETREIROS NAS ESQUINAS
TUDO ISTO POR CAUSA DA SEVILHA



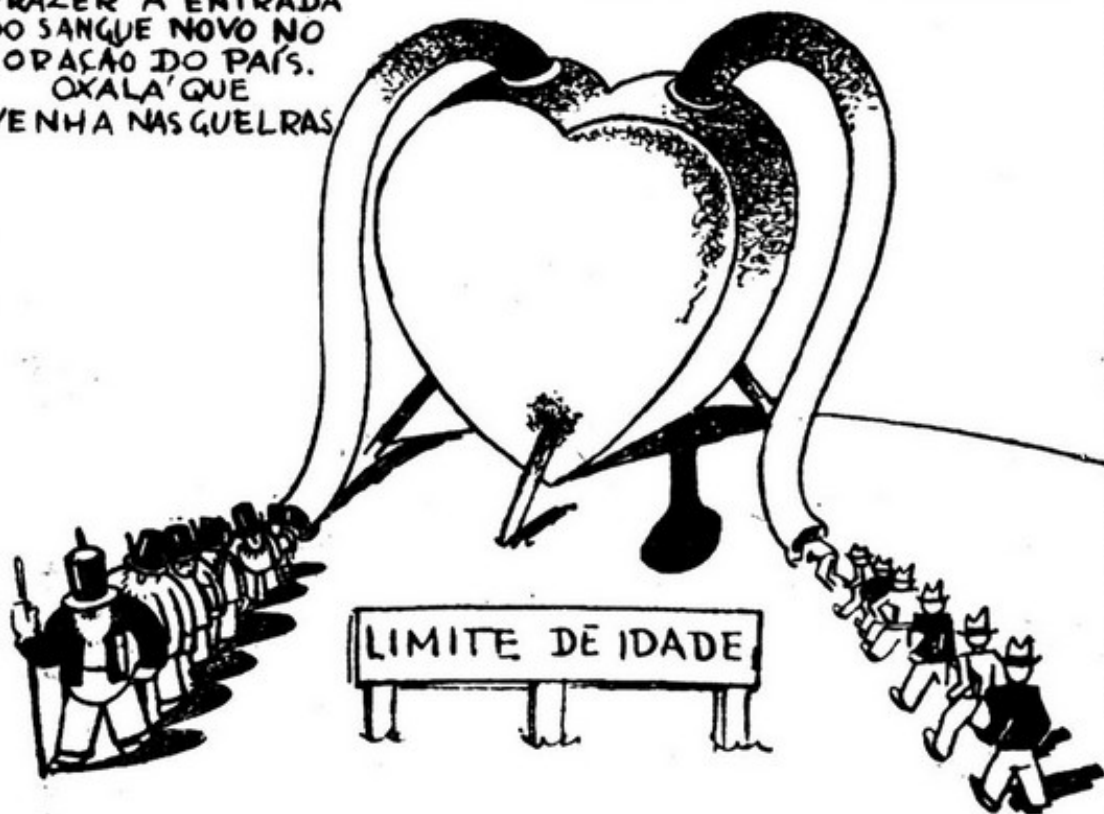
O SUPER-CRUZADOR ADAMASTOR...TOR FUSTIGADO
PELOS ELEMENTOS, TOMOU O FREIO NOS DENTES
E NÃO VIU BOÍIA!



A GENTILEZA DO MAESTRO CARDONA CHE-
GOU AO PONTO DE VESTIR
SAIAS SÓ PARA NÃO DESTOAR
DO CONJUNTO NA
ORQUESTRA FEMENINA
FOI UM GRANDESSÍSSIMO
SUCESSO.



COMO O NOSSO RESPEITO PELO SANGUE VELHO VEMOS COM
PRAZER A ENTRADA
DO SANGUE NOVO NO
CORACÃO DO PAÍS.
OXALA' QUE
VENHA NAS GUELRAS



COMO SERA' LISBOA COM OS NOVOS MELHORAMENTOS FEITOS COM
O EMPRESTIMO? + A REALIZAÇÃO DA CELEBRE
PONTE SOBRE O TEJO, FEITA EM CORDA E SUSPENSÃO
EM BALOES + UM AERODROMO SEMI-AEREO + ALGUNS
ARRANHA-CEUS QUE FARÃO ARRANHAR
SE DE RAIVA OS QUE EXISTEM
EM NEW-YORK - "METROS"
A METRO + E
ETC. ETC

